

# A roupa fala: a moda como meio de comunicação no Brasil Colônia

Clothes talk: fashion as a medium of communication in Brazil Colony

Fernanda Bernardo\*; Ronaldo Salvador Vasques\*\*;

\*\*\* Marcio José Silva

## Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o que a moda do Brasil Colônia, no período entre 1808 e 1822, comunica em termos de influência e contexto social, cultural e político. O recorte temporal corresponde ao período entre a vinda da Família Real para o Brasil e o seu retorno para Portugal (1808-1822). Por meio da revisão de literatura construiu-se o referencial teórico utilizado e, posteriormente, realizou-se a análise de imagens associadas a historiografia, de modo a descrever as figuras que representam a forma de se vestir na época e contextualizá-las aos fatores políticos, econômicos, sociais e culturais da época. Encontrou-se a forte influência europeia adaptada ao clima tropical, inclusive com tecidos mais frescos. Observa-se também a mensagem clara da divisão social representada pela forma de se vestir da época. Por fim, recomenda-se que se possam fazer mais reconstruções históricas do período e levantamentos de novas imagens e peças de vestuários que retratem o período, de modo a subsidiar análises do período.

Palavras-chave: Família Imperial Portuguesa; Século XIX; História da moda

## Abstract

The purpose of this article is to analyze what the clothes of Brazil Colony between 1808 and 1822 communicate in terms of influence and social, cultural, and political context. The time frame of this article is 1808 - 1822 is the period between the arrival of the Royal Family of Portugal and their return to Portugal. Through a literature review we constructed the theoretical referential. The analyses of the images associated with the historiography describe the forms that represented the fashion and contextualize them to political, economic, social, and cultural factors of the time. There was a strong European influence adapted to the tropical weather, including lighter fabrics. And, there was a clear social division present in the clothing. Therefore, we recommend the development of more historical reconstructions, analyses of other portraits and clothes from this period, which can be helpful to other analyzes of this period.

Keywords: Imperial Family of Portugal; XIX Century; History of fashion

\* Graduanda em Moda pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) pela Fundação Araucária de 2019 a 2020. Participante do Grupo de Pesquisa em Moda, História e Têxtil (GEMOTEX). E-mail: ra107340@uem.br

\*\* Doutor em Engenharia Têxtil pela Universidade do Minho/Portugal (2018). Professor Adjunto no curso de Moda da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq em Moda, História e Têxteis (GEMOTEX), desde 2018. E-mail: rvasques@uem.br

\*\*\* Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (UniCesumar). Professor assistente do Departamento de Design e Moda da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: mjsilva2@uem.br

## Introdução

A história das sociedades pode ser observada por várias perspectivas e, o modo de se vestir, é uma delas. Como afirma Palomino (2002), a palavra moda, originária do latim *modus* que significa modo, caracteriza muito mais do que o simples hábito de vestir-se rotineiramente. O contexto sob o qual a moda é observada envolve questões políticas, sociais, culturais dentre outras. A autora chega a afirmar que a maneira de se vestir em uma determinada época é refletida pelos acontecimentos históricos daquela sociedade.

Nesse sentido, a moda pode ser analisada como um meio de comunicação e forma de expressão cultural do indivíduo frente a sociedade onde este está inserido. Pacce (2016) aborda a questão da influência cultural introduzindo a discussão a partir do poema de Oswald de Andrade, escrito em 1926, quando esse diz: “Quando o português chegou Debaixo de uma bruta chuva Vestiu o índio Que pena! Fosse uma manhã de sol O índio tinha despido O português”. A autora relaciona o vestir e o despir ao que denomina de vestimenta cultural. Relata que o índio não estava totalmente nu, no entanto, aos olhos dos portugueses estava. As visões diversas abrangem o chamado olhar cultural, por meio do qual se analisa o outro por um prisma que corresponde à cultura individual de cada um.

Nessa mesma direção, Pacce (2016, p. 10) afirma que “tudo depende da mensagem que você vai escolher para vestir”. Ao se dizer que a moda apresenta uma mensagem e que essa varia de acordo com aquilo que se escolhe vestir, a autora traz para o debate questões importantes com relação a semiologia da moda. Uma das questões é o sentido de pertencimento a grupos sociais. A forma como o corpo está vestido emite uma mensagem e, assim, se pode dizer que, literalmente, o corpo fala. Por outro lado, como aborda Lipovetsky (1989), tem também a escolha individual, que surge da necessidade de distinção e diferenciação entre um indivíduo e outro, visto que existe a singularidade na escolha.

Raslan e Dornelles (2010, p.55) refletem que “existe significado para a humanidade no ato de se vestir. A própria sociedade constrói seu corpo e confecciona suas roupas, mesmo que a criação seja incumbência de outros”. Calanca (2008) afirma que a moda é uma forma de comunicação subjetiva do indivíduo inserido num contexto social e Garcia (2005, p.64) dá suporte a essa afirmação ao afirmar que a “roupa serve para vestir o corpo e a moda serve para comunicar!”.

Percebe-se que tanto Raslan e Dornelles (2010) quanto Calanca (2008) e Garcia (2005) estão em consenso com relação a moda ser uma forma de comunicar a organização social e de pontuar a qual grupo o indivíduo pertence. Ao mesmo tempo, é uma forma de distinção entre os indivíduos, como reflete Lipovetsky (1989). Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar o que a moda do Brasil Colônia comunica em termos de influência e contexto social, cultural e político. O recorte temporal corresponde ao período entre a vinda da Família Real para o Brasil e o seu retorno para Portugal (1808-1822). A metodologia utilizada foi a Revisão de

Literatura e a Análise descritiva da imagem combinada com a historiografia, uma vez que contextualiza no espaço e tempo a sociedade e seus modos de se vestir.

## **Referencial Teórico**

### **A moda e suas funções**

A cobertura corporal, que inclui desde enfeites até o vestuário, é um produto da cultura material que pode conter diversos significados e, desde seu surgimento foi utilizada como um instrumento para organizar sociedades em classes. “Serviu de alicerce pra a manutenção de tradições, elementos distintivos de classes e funções sociais, símbolo para ritos de passagem, suporte para informações a respeito do indivíduo e do grupo a que pertence” (EMERENCIANO, 2005, p.10, *sic.*).

Segundo Raslan e Dornelles (2010), a roupa fala por si, não é preciso dizer nada para ser compreendido. Nesse sentido a moda serve como meio de comunicação. Ainda segundo os mesmos autores, a roupa representa tudo o que não pode ser expresso apenas por palavras; indica status, poder, sexo, idade e o meio em que o indivíduo se encontra.

Já foram atribuídas ao vestuário diversas funções. Para Flügel (1966) as três funções consideradas como principais são enfeite, proteção e pudor, sendo o enfeite a função que levou a utilização da vestimenta. Flügel (1966, p. 13) complementa esse argumento dizendo que: “os dados antropológicos demonstram, principalmente, o fato de que, entre as raças mais primitivas, existem povos sem roupa, mas não sem enfeites”

Nacif (2001) diz que o vestuário é um meio de interligar o corpo, os meios naturais e a cultura, sendo que este tem muitas funções e não pode ser reduzido à apenas sua funcionalidade. O vestuário é a representação de um processo técnico, resultante do trabalho do homem, é um meio de comunicação que permite ao indivíduo, por meio da roupa, uma forma de construir sua identidade pessoal e a identidade perante a um grupo, gerando um sentimento de pertencimento ao mesmo (EMERENCIANO, 2005).

Para Barnard (1999), a Moda, a indumentária e o vestuário são formas de comunicação que podem ser utilizadas tanto para os indivíduos quanto para os grupos sociais. A moda influencia culturas, muda comportamentos, permite que as pessoas se sintam confiantes, fazendo com que a aparência se torne algo essencial para viver. Ela impõe distinção social, hábitos, necessidades, gera individualidades ao mesmo tempo em que gera sentimentos de pertencimento (RASLAN; DORNELLES, 2010).

A comunicação feita por meio da Moda é, para a semiologia, a chamada comunicação não-verbal. Esta pode ser dividida em três áreas, quais sejam: comunicação facial e corporal feita por intermédio do corpo; a comunicação por meio de artefatos, como roupas e adornos e a comunicação por distribuição espacial, feita pela relação entre os corpos e os espaços (EMERENCIANO, 2005).

Segundo Santos (2015), a Moda é documento e linguajar e se manifesta por meio do vestuário; é a linguagem do corpo. Raslan e Dornelles (2010, p. 54) complementam essa definição dizendo que “a moda é um instrumento de comunicação, integração, individualidade e transformação”.

Para Farah (2019), o objetivo da Moda vai muito além da proteção, também tem como função distinguir, unir e comunicar. Muito antes de utilizar as roupas para se proteger, o homem já se adornava, utilizando a moda para criar semelhanças ou demonstrar as diferenças. Isso fica evidente quando se analisa a história da moda, de forma a se verificar as influências recebidas nos países colonizados, em função do que determinavam os colonizadores e das condições criadas por eles.

### **A moda no Brasil colônia**

A chegada da família real no Brasil foi de grande importância para a difusão da moda europeia no país, uma vez que a chegada da Corte proporcionou a intensificação da vida social da colônia, o desenvolvimento do comércio<sup>1</sup>, transformações nos espaços urbanos e a introdução aos costumes europeus junto à população local (FARAH, 2019). Porém, as peças eram muito caras pois em sua maioria eram importadas da Europa e nem todos tinham acesso a elas, já que a maior parte da população da colônia era constituída por escravos (SILVA, 2009). O valor das roupas era tão alto que elas serviam até como forma de investimento e doações, era possível pagar dívidas com os trajes (JULIO, 2008).

O vestuário da Corte portuguesa, no Brasil colônia, era um símbolo de extrema importância para a aristocracia, uma vez que, por meio dele, a população se comunicava. As nuances que faziam parte do vestuário eram espécies de mensagens transmitidas pelos indivíduos, podendo conter diferentes significados, dependendo das intenções do emissor (SANTOS, 2015).

Desde a chegada dos portugueses no Brasil, os trajes europeus já eram e se tornaram ainda mais exacerbados e cheios de sobreposições (SANT'ANNA, 2016). A vestimenta no período tratado representava *status* social e sedução. Era símbolo da hierarquia, mas também era um meio de exibição, ao passo que podia diferenciar o indivíduo ao mesmo tempo que gerava sentimento de pertencimento (SANTOS, 2015).

O estilo em vigor no período era o estilo Império, que foi inspirado no modelo neoclássico, com formas muito parecidas com as das estátuas gregas. A moda feminina era composta por vestido de cintura alta, marcada logo abaixo dos seios, com mangas bufantes e babados (SILVA, 2009; SANTOS, 2015).

---

<sup>1</sup> Para saber sobre o comércio no Brasil Colônia consulte O Brasil no Comércio Colonial de José Jobson de Arruda.

Enquanto a moda feminina era influenciada pela França<sup>2</sup>, a moda masculina tinha como influência o estilo inglês. O traje era composto por casaco de caça comprido, botas, coletes curtos, golas e colarinhos altos e volumosos. Na Corte portuguesa esse traje sofreu algumas alterações, sendo chamado de “Portugal Velho”. Tais alterações no modelo do período, incorporou elementos como a “casaca de seda, do colete de cetim de raminhos, calção, meia e sapato de fivela, de luneta de ouro e bengala” (SILVA, 2009, p.46-47).

A importância da roupa no período colonial era tão relevante que tratavam o ato de sair às ruas como um ritual, no qual reafirmavam sua posição social e sua importância na sociedade por meio das vestimentas. Destaca-se que, no interior de suas casas, os moradores do Brasil Colônia eram considerados desleixados no que se relacionava a sua vestimenta; deixavam todos os ornamentos de lado, podendo se aliviar do calor dos trópicos utilizando menos camadas. De acordo com relatos dos viajantes, essas camadas diminuía até demais (GAGLIARDO, 2016).

Segundo Roche (2006) a indumentária tinha um papel de extrema importância na sociedade do século XIX, sendo utilizada para delimitar o papel da mulher, distinguir as classes sociais, inserir o indivíduo na sociedade e nos espaços sociais, servindo inclusive de instrumento comportamental.

## **Metodologia**

Este trabalho apresenta uma Revisão de Literatura e uma análise descritiva de imagens de quadros que registram o período do Brasil Colônia, mais especificamente no período entre a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e posteriormente o seu retorno a Portugal (1808 a 1822).

A pesquisa foi realizada da seguinte forma: i) identificação do problema de pesquisa – primeiro definiu-se a questão problema que está configurada como sendo: o que a moda do Brasil Colônia, no período entre 1808 e 1822, comunica em termos de influência, contexto social, cultural e político? ii) O levantamento bibliográfico sobre o assunto foi realizado por meio de busca de documentos científicos nas bases de dados Scielo; Scopus; Web of Science, Google Scholar e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Entre os documentos científicos localizados estão artigos revisados por pares; livros, teses e dissertações. iii) A coleta das imagens foi realizada pela autora em museus do Rio de Janeiro no mês de fevereiro de 2020 e também em acervos digitais.

Utilizar a análise histórica como método já desafiador, mas quando os acervos documentais e bibliográficos no período são escassos, isso se torna ainda mais difícil. No que se refere ao período escolhido para análise - “Brasil Colônia”, especificamente no período entre a chegada e a partida da família real no Brasil (1808 a 1822) há poucos registros documentais

---

<sup>2</sup> Para saber mais sobre o povo de Paris do século XVIII, incluindo vestuário, classe sociais, cultura, cotidiano consulte O Povo de Paris: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII de Daniel Roche.

sobre a moda da época no país e mesmo de imagens que reflitam o período. Após 1822 já são muito mais ricos os acervos, visto que com a abertura dos portos no Brasil, chegaram muitos artistas no país e passam a retratar em diários e pinturas a colônia portuguesa em seus mais variados aspectos.

Diante dessa dificuldade, esta pesquisa contou com algumas imagens colhidas de acervos de museus ou já publicados em livros para que se pudesse relacionar os relatos encontrados sobre o período e a forma como as pessoas se vestiam.

A análise contou com o cenário histórico em que os acontecimentos políticos, sociais e culturais marcam a forma como os indivíduos fazem uso das roupas. E, por meio da análise descritiva da imagem, ganha-se possibilidades de compreensão dos vários elementos comunicativos que estão envolvidos nos quadros selecionados. Tendo em vista que, como afirma Tutui (2018), as ilustrações são representações de tempo, do objeto de observação sob o olhar do observador, permitindo uma leitura do período, possibilitando assim interpretações e indagações dessas imagens.

## **Resultados**

Como se pode verificar na revisão teórica a influência europeia na moda brasileira do período analisado é evidente. Em virtude da abertura dos portos com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, não apenas os tecidos passam a chegar mais facilmente, como também as revistas de moda. E assim, com o aquecimento da vida social na colônia, em virtude dos eventos promovidos pela Corte, as classes mais favorecidas passam a se vestir se forma ainda mais marcante sob a influência da moda europeia. No entanto, como se verá mais a frente constata-se uma evidente divisão de estilos demarcada pelo gênero e pelas classes sociais.

### **A moda feminina**

A moda vigente no período era a chamada moda Império, que tinha como principal referência feminina do período a Imperatriz Josephine, esposa do Imperador francês Napoleão Bonaparte (FARAH, 2019). De acordo com Orsi e Carmo (2015), a moda Império tinha como características vestidos com a cintura abaixo do busto que iam até os tornozelos em formato 'A', com mangas curtas e bufantes, como pode ser observado na Figura 1. A mantilha era um tipo de manta portuguesa que também foi muito utilizada pelas mulheres nesse período (SANT'ANNA, 2008).

O desejo em exibir as modas europeias e comunicar a hierarquia, por meio da vestimenta, fazia com que a população da colônia utilizasse trajes inadequados ao calor dos trópicos, uma vez que seguiam a moda francesa imposta pelos manuais de conduta. O uso dessas modas que eram feitas em tecidos grossos e quentes fez com que, aos poucos, a

população fizesse adequações ao clima, copiando as vestes europeias em materiais mais leves e adequados ao Brasil da época (SANTOS, 2015).

É evidente que o clima fez com que as roupas sofressem alterações, que foram iniciadas primeiramente no ambiente familiar, onde tinham maior liberdade para vestir roupas menos quentes, copiando os trajes da moda europeia em tecidos leves e frescos e, com o tempo, essa adaptação foi sendo expandida do ambiente doméstico para os trajes de passeio mais frescos e soltos, em tecidos como a cambraia de linho, como pode ser visto na Figura 2 (SANTOS, 2015).

Uma mudança de comportamento importante foi a inclusão da mulher na vida social da Colônia após a vinda da Corte portuguesa para o Brasil. No entanto, essa participação da mulher ocorre de forma lenta. A mulher da colônia estava restrita à casa e à igreja, sendo que esta era vista como uma extensão da própria casa. “Daí que, embora as idas de mulheres a igreja e cerimônias religiosas fossem constantes, quase diárias, como os próprios relatos de viajantes indicam, a escrita teima em destacar a ausência de mulheres fora dos espaços da casa” (GONÇALVES, 2005, p.615-616).

As mulheres eram muito vigiadas pela sociedade do período, principalmente as solteiras, que os pais tinham cuidado para preservá-las virgens, limitando-as ainda mais. A elas só era permitido sair para obrigações religiosas e sempre acompanhadas por parentes do sexo masculino ou por escravos (GAGLIARDO, 2016).

Segundo Rainho (2002) a moda para a mulher desse período era algo muito importante, era por meio das roupas que ela se apresentava a sociedade e reforçava, por meio de sua aparência, as riquezas de sua família. Era essencial que a mulher seguisse as normas e ditames da moda, pois isso se refletia em sua busca por um marido, em seu papel na sociedade e em sua família. Portanto, a moda para as mulheres também era distinção sexual, já que as normas e etiquetas eram em sua maioria direcionadas a elas (RAINHO, 2002; PERROT, 1998).

Segundo Farah (2019), um acessório que condiz com o clima tropical e era muito utilizado no Brasil era o leque (Figura 3). Esse servia para minimizar o calor, como acessório, símbolo hierárquico e também como meio de comunicação, permitindo que as moças conseguissem se comunicar com seus pretendentes de forma discreta. “As moças faziam seus leques falar uma linguagem particular de amor que todos os namorados deviam compreender” (FREYRE, 1977, p.88).

Os significados da “linguagem” realizada pelos leques são explicados por Farah (2019, p.94)

Fechado, sobre a mão direita: procuro um noivo. Fechado, sobre a mão esquerda: sou comprometida. Acariciando de leve rosto e cabelos: não me esqueças. Agitado com moderação: não há nada a fazer. De cabeça para baixo: você me aborrece. Sobre o coração: amo-te, e sofro por isso. Dedo deslizando sobre as varetas: preciso falar-te. Entrar num salão fechando o leque: hoje não sairei. Sair do salão abanando-se: partirei logo.

Priore (2017, p.13) reforça a informação sobre a vigilância sobre a mulher quando diz que a mulher dentro de casa “[...] poderia comandar alianças, poderes informais e estratégias. Mas apenas dentro de casa. Na rua, era outra coisa. O risco da perda da honra crescia; conversas com homens eram inadmissíveis. Estar fora depois das Aves-Marias era sinônimo de se prostituir”. As mulheres eram limitadas e silenciadas<sup>3</sup>.

Esse excessivo controle exercido pela sociedade patriarcal e, portanto, machista, fez com que as mulheres encontrassem maneiras de se comunicar por meio das roupas. Assim como o leque, outro acessório utilizado para o flerte eram as flores, que eram vendidas nas ruas como adorno e como correspondências amorosas, servindo como um comércio muito lucrativo (FARAH, 2019). De acordo com Debret (2006, p. 451)

O hábito brasileiro de enfeitar os cabelos com flores naturais pôs na moda o cravo, entre as pessoas ricas; independentemente de sua raridade, em comparação com a rosa das quatro estações, tem ela a vantagem de um nome de duplo sentido, pois cravo, em português, quer dizer também prego. É, pois, como símbolo e como galanteio requintado que se manda um cravo a uma senhora, significando-lhe com isso que ela soube prender um coração. O presente, colocado à cabeça da senhora, serve também como resposta de um penhor de fidelidade. Os homens que recebem semelhante presente usam-no à lapela; sendo este sempre caro, constitui uma cultura muito lucrativa

Dessa forma, a moda ao mesmo tempo que limitava a mulher, muitas vezes também as ajudou a se tornarem mais livres. A moda constituiu-se como uma verdadeira arma para a mulher, se tornando uma aliada contra os preconceitos da sociedade; por meio das roupas foi possível demonstrar e adquirir *status* e respeito (STREY, 2000; RASLAN, DORNELLES, 2010).

Os espaços públicos contribuía para a reafirmação da hierarquia social, mas ao mesmo tempo eram nestes espaços que ocorriam as trocas de referências. Eram espaços de convivência “onde as pessoas viam e eram vistas e, ao mesmo tempo, onde poderiam ocorrer uma apropriação e reconstrução de referências culturais a partir de exemplos de civilidade presentes, como as roupas” (JULIO, 2008, p.2-3).

No entanto, o contato, na maioria das vezes, ocorria com certa distância, já que diferentes grupos sociais não ocupavam os mesmos espaços, como as mulheres da elite que assistiam os festejos das janelas, enquanto as mulheres negras podiam ficar nas ruas, contudo a distância. Entretanto, essa distância “não representava um impedimento para a troca de referências culturais. Isso porque, mesmo separadas, tal situação não impedia que se vissem” (JULIO, 2008, p.2-3).

O comércio foi um elemento de extrema importância para a realização dessas trocas, pois por meio dele chegavam as modas vindas de diversos lugares, o que contribuiu para o processo de mestiçagem cultural. O crédito possibilitou o acesso aos produtos importados às

---

<sup>3</sup> Mais sobre o papel e voz feminina na história consulte As mulheres ou os silêncios da história de Michelle Perrot.



classes menos abastadas, permitindo até mesmo que parcelassem o valor dos produtos, permitindo a aquisição de produtos mais caros. Isso teve um papel importantíssimo para o hibridismo cultural, principalmente para os ex-escravos e descendentes de escravos, permitindo que se afastassem da condição de escravos por meio das roupas, se aproximando dos costumes europeus, que eram considerados como ideais de civilidade (JULIO, 2008).

Com o tempo, as mulheres passam a ter papéis mais ativos e terem mais liberdade, entretanto, era uma liberdade restrita e vigiada, já que o homem estava no topo da hierarquia social, a condição de mulher era uma posição difícil, o que era ainda pior para as mulheres negras (ALVEZ, ROCHA, 2009).

### **A moda dos Escravos**

A sociedade colonial brasileira se preocupava muito em demonstrar a hierarquia e todo o seu luxo por meio das roupas. A Corte portuguesa era retratada pelos viajantes como luxuosa, porém excessiva. Enquanto as classes mais abastadas utilizavam tecidos importados e joias, os escravos somente utilizavam tecidos de algodão que era cultivado e processado no Brasil. Ressalta-se que a indumentária também servia como espelho da posição de seus senhores, quanto mais rico eram os seus senhores mais adornados eram os escravos (SANTOS, 2015).

Na figura 4 tem-se a ilustração de um casamento entre escravos que pertenciam a uma família rica, demonstrando, por meio da indumentária, a sua posição social e a de seus senhores. Isso pode ser percebido até mesmo pelo uso de calçados. Observa-se que na imagem todos os escravos estão calçados, o que não era comum entre os escravos, uma vez que em alguns momentos houve até mesmo a proibição aos escravos de usarem sapatos. A vestimenta que estão utilizando é uma réplica em tecidos de algodão do modelo europeu vigente.

A vestimenta dos escravos era um meio de comunicação muito importante e possuía diversos significados, entre eles a divisão de classes; demonstrações de poder de seus donos; diferenciações de região de origem e tipo de trabalho que exerciam. Tudo isso tendo inúmeras limitações, já que existiam leis para determinar suas vestimentas. Isso fica ainda mais evidente quando se ressalta que quando um escravo fugia, além de sua descrição física também era descrita sua vestimenta para que fosse feita sua identificação (SILVA, 1977).

A cultura africana foi um componente muito importante para a construção da chamada identidade brasileira. Os africanos chegavam de diversas regiões para serem escravizados, trazendo consigo apenas o próprio corpo nu, pois era a única bagagem que lhes permitiam carregar, porém, ainda assim, conseguiram manter vivos elementos de suas culturas, muitos dos quais hoje fazem parte da identidade brasileira (FARAH, 2019).

De acordo com Giurdice, Martins e Lopes (2018), a moda é um meio de comunicação que vai muito além das roupas; o corpo também é uma ferramenta de grande importância nesse processo de comunicação. Na área de comunicação facial e corporal existem as formas de ornamentação corporal, que podem ser "Cicatrização (embelezamento por meio de cicatrizes),

Tatuagem, Pintura (compreendendo aqui a maquiagem), Mutilação e Deformação (plástica corporal)” (EMERENCIANO, 2005, p.12-13).

Algumas dessas formas fazem parte da cultura africana, como as marcas feitas nos corpos, que são elementos que permitiam a identificação da nação de origem e também tinham funções ritualísticas; os penteados também tinham essa função, ambos auxiliavam “[...] na realização da comunicação não verbal, realizada pelo traje” (FARAH, 2019, p.118).

Outros elementos da cultura africana eram o alaká, e o rojão, sendo que o primeiro é um pano utilizado pelas mulheres negras que podia ser amarrado ou pendurado de formas diferentes e, que indicavam *status*, nação e hierarquia. O rojão também era um tecido que era utilizado amarrado a cintura e que tinha como função dar mais força e sustentação para a execução de tarefas pesadas (FARAH, 2019).

A indumentária dos escravos era composta muitas vezes por peças antigas de seus senhores, contendo influências de muitos lugares diferentes e adicionando características próprias as suas roupas, contribuindo assim para a mestiçagem brasileira (FARAH, 2019).

A Figura 5 ilustra o que Farah (2019) e Emerenciano (2005) dizem a respeito da mistura de elementos culturais na roupa do escravo. Neste recorte do quadro Praça Quinze de Jean-Baptiste Debret pode-se ver uma escrava que utiliza roupas da moda europeia replicada em tecido de algodão, com o comprimento um pouco mais curto, o que se adequa ao clima e também ao custo dos tecidos. O traje é composto por outros elementos da cultura africana como o turbante, o rojão e o alaká, demonstrando a mestiçagem e hibridismo cultural por meio da vestimenta.

## **Conclusão**

Por meio da Revisão de Literatura, somada a análise descritiva de imagens e relacionadas ao contexto histórico que as mesmas retratam, foi possível perceber que a vestimenta no Brasil Colônia, assim como em outros períodos, tem uma função que vai além da cobertura do corpo.

Percebe-se que existe uma mensagem que é passada por meio da moda, tanto de posicionamento individual quanto de pertencimento a determinado grupo social. No Brasil Colônia, especificamente, no período entre 1808 e 1822, constata-se uma mudança significativa na forma de apropriação da moda. Essa mudança refere-se desde as questões econômicas que foram favorecidas com a abertura dos portos, permitindo a importação de tecidos e outros acessórios, como a influência da própria corte que aqui chega e traz a moda europeia, sobretudo a francesa, como modelo ideal. Tal mudança ganha ainda força com o crédito parcelado que permitia, mesmo a quem não tinha um poder aquisitivo elevado, a possibilidade de aquisição de tecidos de qualidade.

Nota-se ainda a distinção das classes sociais claramente marcadas na vestimenta dos moradores do Brasil Colônia, tanto em termos dos senhores e senhoras das classes mais altas

quanto em relação aos escravos. Dessa forma, a distinção não separava apenas classes sociais, mas em uma mesma classe podia se ver diferenças de região de origem, da cultura, e até mesmo se eram escravos cujos senhores eram mais ricos ou menos ricos. Tais características marcam o hibridismo cultural que formou a população brasileira e que está presente até os dias atuais na moda brasileira.

Por fim, evidencia-se que a moda brasileira, característica do período analisado, traz mensagens que são totalmente condizentes com os contextos políticos, econômicos, sociais e culturais da época. A mensagem passada pelas roupas do período, mostra uma sociedade dividida em classes sociais bastante distintas, exhibe a influência europeias marcante, principalmente trazida pela corte portuguesa e pela Família Real, e depois as adaptações em virtude do clima tropical. Exibe ainda a necessidade de olhar as roupas como um modo que caracteriza o recato obrigatório das senhoras, vigiadas por uma sociedade machista, e uma maior liberdade de vestimenta para os escravos, mas que mesmo assim recebe a influência europeias e as compõem juntamente com marcas de suas origens, na forma como se pintam ou expressam símbolos de sua cultura.

## Referências

- ALVES, S. M.; ROCHA, S. P. da. As mulheres na visão de um viajante inglês–século XIX. In: **II seminário nacional gênero e práticas culturais**, 2009
- ARRUDA, J. J. A. **O Brasil no comércio colonial**. Ed. Ática, 1980.
- BARNARD, M.. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- DEBRET, J.-B. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2016.
- EMERENCIANO, J.. A comunicação através das roupas: uma compreensão do design de moda além da superficialidade. **Revista Design em Foco**, v. 2, n. 1, p. 9-25, 2005.
- FARAH, M. S. **Jean-Baptiste Debret: o vestir feminino na transição do Brasil**. 2019. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- FLÜGEL, J.C. **A Psicologia das Roupas**. Tradução: Antônio Ennes Cardoso. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.
- FREYRE, G. **Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Artenova; Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977.
- GAGLIARDO, V. C. Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista. Tese – UNESP, Franca, 2016.
- GARCIA, W. **Corpo, mídia e Representação: Estudos contemporâneos**. 1. Ed. São Paulo: Thomson, 2005.
- GIUDICE, R. F. L. ; MARTINS, L. L. ; LOPES, L. E. . **MODA E COMUNICAÇÃO: Uma Análise da História e Seus Processos de Comunicação no Jornalismo**. ECEAEMS , v. 1, p. 1, 2018.

JULIO, K. L. O APRENDER E O ENSINAR—POSSIVEIS “LEITURAS” ATRAVÉS DAS INDUMENTÁRIAS E JÓIAS. **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.

NACIF, M. C. V. 2001. **Formas Vestimentares nas Sociedades Ocidentais Modernas**. Estudos em Design. Rio de Janeiro, vol. 9, no ½, Jan. de 2001. p. 71-91.

PACCE, L. O Biquíni Made in Brazil. São Paulo: Queen Books, 2016.

PALOMINO, É. **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2002.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PRIORE, M del. **Histórias e conversas de mulher**: 2. ed. São Paulo: ed. Planeta, 2017

RAINHO, Maria Teixeira do Carmo. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: UNB, 2002.

RASLAN, E. M. S; DORNELLES, B. C. P. A moda, como meio de comunicação, gera símbolos diferenciados de tecnologia. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 9, n. 17, 2010.

ROCHE, D. **A Cultura das Aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: SENAC, 2007

SANT'ANNA, M. R. **Império: uma civilização dos trópicos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2020.

SANT'ANNA, M. R. O Brasil por suas aparências: sociabilidades coloniais: entre o ver e o ser visto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

SANTOS, G. M. de C. **A estética da moda de luxo da corte portuguesa no vestuário feminino no Rio de Janeiro do início do século XIX**. 2015. 366 f., il. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, C. B. da. **O símbolo indumentário**: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821). 2009. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, M. B N. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro**: 1808-1821. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1977 (Brasíliana, v. 363), 1977.

STREY, M. N. Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas. **Revista Famecos**: Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre: Edipucrs, n. 13, p. 148-154, 2000.

TUTUI, M. P. Aquarelas no Brasil oitocentista: Olhares de Debret e Rugendas nos Trópicos. **Revista Cantareira**, n. 28, 2018.

Artigo recebido em 09/08/2021 e  
aprovado para publicação em 23/02/2022